



A fluidez dos espaços-tempos

Leonardo Luiz Silveira da Silva ¹  

Destaques

- Abordagem mais-que-representacional - campo incipiente na geografia brasileira.
- Abordagem das relações entre espaço, tempo e experiência a partir de um viés incomum.
- Interface entre pressupostos da geografia humanista com temas da geografia-mais-que-representacional.
- Teorização inédita acerca das colisões espaço-temporais no âmbito da experiência.

Resumo: Apoiada em pressupostos mais-que-representacionais, a reflexão epistemológica deste artigo busca caracterizar a essência fluída da experiência. Partindo da ideia de que existem planos entrecruzados e heterogêneos de relacionamento envolvendo as dimensões humana e não humana, o artigo busca problematizar que nossa experiência é uma aglutinação de recortes precisos do espaço geográfico cartesiano e do tempo atomístico. Tais recortes são chamados de espaços-tempos. Para além dessa problemática, é construída a ideia de que a fluidez da experiência é dada pelo ato constante de colisão de espaços-temporalidades contidas nos corpos-em-relação. São trazidos os termos críticos do realismo especulativo que repousam majoritariamente na crítica ao correlacionismo, termo usado para se referir ao conjunto de princípios que norteia a *relational turn*. Conclui-se, a partir da introdução de pressupostos do realismo especulativo, que as abordagens relacionais já incluem - e aquelas que não o fazem deveriam incluir - a possibilidade de elementos não-relacionais ou elos potenciais de estabelecimento de relações incidirem sobre o ciclo afetivo-perfomático que molda o mundo.

Palavras-chave: Correlacionismo; Realismo Especulativo; Afeto; *Performance*.

¹ Graduado em Geografia, especialista em gestão de políticas sociais, mestre em Relações Internacionais e Doutor em Geografia.



THE FLUIDITY OF SPACES-TIMES

Abstract: Supported by more-than-representational assumptions, the epistemological reflection of this article seeks to characterize the fluid essence of experience. Starting from the idea that there are intersecting and heterogeneous planes of relationships involving human and non-human dimensions, the article problematize that our experience is an agglutination of very precise sections of geographic space and atomistic time. Such sections are called spaces-times. In addition to this problem, the idea defends that the fluidity of experience is given by the constant act of collision of temporal spaces contained in bodies-in-relationship. The critical terms of speculative realism are brought up, which mainly rest on the criticism of correlationism, a term used to refer to the set of principles that guide the relational turn. It is concluded, however, that relational approaches already include - or should include - the possibility of non-relational elements or potential links for establishing relationships impacting the affective-performative cycle that shapes the world.

Keywords: Correlationism; Especulative Realism; Affect; Performance.

LA FLUIDEZ DEL ESPACIO-TIEMPO

Resumen: Apoyada en supuestos más que representacionales, la reflexión epistemológica de este artículo busca caracterizar la esencia fluida de la experiencia. Partiendo de la idea de que existen planos de relaciones entrecruzados y heterogéneos que involucran dimensiones humanas y no humanas, el artículo busca problematizar que nuestra experiencia es una aglutinación de secciones muy precisas de espacio geográfico y tiempo atomístico. Estos cortes se denominan espacio-tiempos. Además de este problema, se construye la idea de que la fluidez de la experiencia está dada por el acto constante de colisión de espacios temporales contenidos en cuerpos-en-relación. Se plantean los términos críticos del realismo especulativo, que descansan principalmente en la crítica al correlacionismo, término utilizado para referirse al conjunto de principios que guían el giro relacional. Se concluye, sin embargo, que los enfoques relacionales ya incluyen -o deberían incluir- la posibilidad de elementos no relacionales o vínculos potenciales para establecer relaciones que afecten el ciclo afectivo-performativo que configura el mundo.

Palabras clave: Correlacionismo; Realismo Especulativo; Afecto; Performance.

INTRODUÇÃO

Este artigo, essencialmente epistemológico, objetiva apontar a natureza fluída do arranjo da experiência espaço-temporal. Estas experiências - que vão além da esfera estritamente social - colidem perpetuamente em espaços e tempos recortados afetando os partícipes das cenas (incluindo humanos e não-humanos) e, por consequência, são capazes de interferir no plano da materialidade espacial. Defende-se neste texto que os espaços-tempos (Silva, 2024a) - conceito que será

esmiuçado *a posteriori*² - são fluídos e carregados pelos personagens que se relacionam em pontos situados do espaço e do tempo: ainda que estes personagens guardem modos de errâncias muito particulares³ - o que é esperado em arranjos relacionais heterogêneos envolvendo humanos e não-humanos -, os encontros que oportunizam as relações representam colisões de distintas espaço-temporalidades.

Este texto se baseia em desenvolvimentos epistemológicos relativamente recentes e ainda incipientes na geografia brasileira, sendo mais consolidados na geografia europeia e, em particular, na geografia inglesa e francesa. Os fundamentos aqui trazidos são mais-que-representacionais⁴ e envolvem pensamentos e articulações que buscam exceder as representações, incluindo-as, mas evitando restringir as considerações ao seu âmbito (Lorimer, 2005; Silva, 2023a; Souza Júnior; Silva, 2024a). *Ipsa facto*, alguns conceitos ligados às chamadas geografias mais-que-representacionais tornam-se úteis por serem capazes de sintetizar ideias mais densas: afeto, *performance* e *assemblages* alicerçam a discussão aqui travada ao mesmo tempo que suas utilizações abrem as possibilidades de rotulação deste artigo como um desenvolvimento teórico ligado ao estilo⁵ em questão.

Este artigo vai além da mera descrição do que seja a abordagem mais-que-representacional. Para tanto, sugere-se que os não-iniciados na temática acessem os textos já publicados em língua portuguesa e que favorecem a compreensão dos termos aqui tratados. No rol de textos recomenda-se Paiva (2017; 2018) e Silva

² Esta promessa será cumprida no tópico “relações e fluidez”.

³ Os modos particulares de errâncias incluem distintas cadências, direções e constituições. As cadências se referem aos ritmos distintos que os corpos humanos e não-humanos imprimem no deslocamento pelo espaço; as direções se associam aos vetores destes deslocamentos; as constituições, por sua vez, ressaltam as diferenças entre os deslocamentos de corpos íntegros ou quase íntegros – como os dos seres vivos – e dos corpos que se constituem em partes que se deslocam e se fundem em dada espacialidade.

⁴ Fundamentos mais-que-representacionais são pressupostos que excedem as representações, analisando dimensões que estão além das conceituações tomadas-como-certas e que espelham a diversidade que pauta a percepção do mundo. Mais que isso, quando falamos da dimensão mais-que-representacional, aludimos a um rico corpo de pensamento que traz um histórico de conceitos e métodos associados a Nigel Thrift e tantos outros que vislumbraram a necessidade da análise geográfica exceder as representações.

⁵ Nigel Thrift, nome seminal das abordagens geográficas obcecadas em exceder as representações prefere utilizar a palavra estilo à corrente de pensamento (Thrift, 2000), visto que as variações mais-que-representacionais podem ser muitas.

(2022; 2023a; 2023b; 2024a; 2024b;) que abordam diretamente a teorização que suporta este texto.

Ao objetivar apontar a natureza fluída do arranjo da experiência espaço-temporal, imaginamos uma organização deste texto que parte do conceito de *trajeção*⁶ de Augustin Berque (2017), que é capaz de elucidar a indissociabilidade da mente e matéria. Este argumento - apoiado por uma miríade de geógrafos - é elucidado a partir do desenvolvimento berquiano por uma razão: o autor em questão não apenas opera suas ideias em meio a esta concepção (da indissociabilidade mente e matéria), mas categoriza a reflexão em questão e funda um corpo⁷ de pensamento geográfico.

A indissociabilidade mente e matéria é o suporte teórico para que possamos falar sobre a fluidez das relações mais-que-humanas, tema que marca o tópico seguinte. Nesta parte do artigo trabalharemos com o conceito de *assemblage* - os arranjos relacionais heterogêneos - demonstrando como as relações entre corpos dão o tom das múltiplas interpretações acerca do mundo e, também, como estas relações se dispõem espacialmente inquietas, o que nos permite falar de fluidez. Afinal, as redes de relações são dinâmicas, impondo-nos a necessidade de revisar o arranjo de relações perpetuamente.

A discussão sobre relações e fluidez nos dá abertura para o próximo tópico, que analisa detidamente como a natureza das relações constrói um jogo permanente envolvendo ausências e presenças, permitindo que elementos ausentes em dada espacialidade e que sejam especialmente afetivos influam no arranjo de espaços distantes.

A fluidez das relações não se dá somente na dimensão espacial; diferentemente, há de se considerar a fluidez de tempos - ou em um melhor argumento, de fragmentos temporais - que é reanimada em outras

⁶ O entrelace entre a dimensão material e a imaterial encontra síntese em um processo que Augustin Berque (2017) chama de *trajeção*: neste processo, a materialidade molda as ideias que, de retorno, inspiram *performances* que atuam no substrato material. A *trajeção* é um ciclo dinâmico e inesgotável que dá sentido às relações entre os seres e o ambiente que habitam.

⁷ Evitamos aqui a utilização do rótulo de corrente geográfica. Berque é influenciado por diversas correntes e o seu pensamento é uma fusão destas influências, que incluem o seu particular interesse com a filosofia oriental, destacando-se suas interpretações dos desenvolvimentos de Watsuji (Berque, 2004; 2016).

temporalidades por meio da responsividade afetivo-performática. Por essa razão, traremos em seguida um tópico que aborda a espectralidade⁸, conceito justamente ligado à capacidade de tempos divergentes - inclusive os períodos do porvir que produzem expectativas - de produzirem eventos. No contexto desta discussão será trazida uma reflexão quanto à inadequação do termo “rugosidades” (Santos, 2012 [1996]) como um recurso discursivo que seja compatível com a fluidez espectral.

No último tópico teórico falaremos do impacto de pensamentos especulativos sobre esta epistemologia mais-que-representacional. Os desenvolvimentos ligados ao realismo especulativo são capazes de colocar questionamentos importantes nas abordagens relacionais; acreditamos que situar alguns destes posicionamentos antes do fechamento do artigo seria de grande valia. Por fim, traremos as considerações finais.

TRAJEÇÃO

A indissociabilidade entre mente e matéria é um fato amplamente pacificado na geografia (Silva, 2020a), mas não podemos dizer o mesmo acerca das repercussões desta pacificação: o entrelace entre a mente e matéria é sempre renovado e sujeito à instabilidade de compreensões e intersubjetividade na apreensão de mundo. Afinal, não é uma mente que interage com a matéria; *au contrarie*, no mundo das relações entre humanos e não-humanos, uma complexa rede de interações (re)formulam constantemente os significados do substrato material. Nações (Anderson, 2008 [1994]; Billig, 1995), cultura (Mitchell, 1995; Silva; Costa, 2018; Silva; Costa, 2020a), raça (Gilroy, 1998), região (Agnew, 1999; Silva; Costa, 2020b), sociedade (Wolf, 1998) - *inter alia* - são invenções que impactam e arranjam a ordem material, mas não são categorias capazes de afetar sujeitos de uma mesma forma; *ipso facto*, a coisificação destas noções não resulta em *performances* plenamente padronizadas advinda dos afetados.

Do trocadilho - impressões expressas de expressões impressas - cunhado por Paul Gunnar Olsson (1983) a uma pletora de geógrafos sensíveis à

⁸ A espectralidade é o relacionamento de tempos divergentes de afetarem um recorte temporal específico.

compreensão do entrelace mente e matéria (p. exs. Cosgrove, 1983; Graham, 1994; Bonnemaïson, 2005; Long, 2009; Corrêa, 2011; Oliveira, 2020) temos proposições muito interessantes que buscam ser didáticas. Reconhecemos no conjunto da obra de Augustin Berque um arcabouço potentemente esclarecedor, que parte da interpretação da paisagem como marca e matriz (1984), trafega pelos geogramas⁹ (Berque, 1999) e encontra síntese relevante no conceito de trajetão (Berque, 2017). Nos conceitos de paisagem marca e matriz, diferentemente do que pode soar aos incautos, Berque não se refere a categorias dicotômicas, mas à capacidade da paisagem de ser - ao mesmo tempo - um molde que influi sobre a mente e rearranjar-se materialmente pelas *performances* dos atores que por ela são influenciados. Na verdade, o rearranjo paisagístico na concepção berqueniana é tanto no estrato material quanto no campo das ideias, fazendo com que aquilo que chamemos de realidade seja, na verdade, uma apreensão mutante e sujeita às reelaborações permanentes.

Se o geograma (Berque, 1999) é um conceito que projeta os objetos para além da estrita materialidade, a trajetão é uma grande chave de interpretação do conjunto da obra do autor francês. Trata-se de um processo evolutivo no qual “o ambiente é antropizado pela técnica e humanizado pelo símbolo” e em retorno “este meio condiciona o homem para, indefinidamente, humaniza-lo de volta e assim por diante” (Berque, 2017, p. 6). A trajetão de Augustin Berque foi a síntese que escolhemos neste artigo para que possamos a partir dela falarmos das relações entre humanos e não-humanos no espaço e da fluidez do entrelace mente e matéria. Este é o caminho para que se possa compreender a construção da experiência humana a partir da fluidez espaço-temporal. Seguiremos a partir deste ponto no próximo tópico.

RELAÇÕES E FLUIDEZ

Uma das bases do pensamento que excede as representações é colocar as relações entre humanos e não-humanos - incluindo aqui as forças elementais -

⁹ O geograma é um objeto que possui, além de sua materialidade, uma projeção dos sentidos que vão além do seu substrato físico: sua formação, constituição e seus *affordances* – usos diversos que atribuem sentido ao objeto – formam tramas mentais que transcendem sua materialidade.

como o mecanismo que produz sentidos efêmeros que alicerçam a apreensão provisória do mundo. Estas relações podem ser vistas composições de um arranjo relacional heterogêneo - as *assemblages* - que possui disposição sempre provisória e escala indefinida (Phillips, 2006; Mcfarlane, 2009; Cresswell, 2017; Silva, 2024b). No seio dos arranjos relacionais heterogêneos, manifesta-se o afeto, conceito elusivo que é um pilar das abordagens mais-que-representacionais (Thrift, 2004; Lorimer, 2007; Barnett, 2008; Pile, 2010; 2011; Anderson, 2017; Silva, 2022; 2023b; Silva; Costa, 2022a; Seemann; Silva; Costa, 2024).

As relações produzem o afeto, que é uma força que move os corpos a performarem. Todavia, dada a instabilidade dos arranjos relacionais heterogêneos e das diferentes responsabilidades afetivas que caracterizam as relações-em-rede, é plausível considerar que os corpos carregam afetos fluídos, desenvolvidos a partir de *assemblages* diferentes e de distintas escalas que atuam ao mesmo tempo sobre eles. Ademais, há de se considerar o afeto residual que permanece como experiência amealhada: estes resíduos são capazes de influir afetivamente em distintos tempos e espaços. Muitas coisas acontecem ao mesmo tempo, emergindo, em diacronia ou sintonia, de contextos completamente heterogêneos. Para Koselleck (2014 [2000]), todos os conflitos, compromissos e formações de consenso contidos em distintos estratos temporais encaixam-se nestas tensões e rupturas diacrônicas e sincrônicas, sendo impossível abordá-las sem o uso de metáforas espaciais. O espaço, por sua vez, é tão interrompido quanto o tempo, montado a partir de uma colagem de espacialidades. A supressão do espaço (Silva, 2018a) e do tempo (Silva, 2018b) - tanto na apreensão do mundo quanto em sua representação - pode ser um ato deliberado de convencimento político, ainda que esteja sobre a intencionalidade de uma narrativa pueril cujo objetivo não era maior do que encantar os incautos.

Corpos carregam experiências de espaços e tempos recortados ao mesmo tempo em que são devidamente estimulados pela vida relacional: os novos estímulos provocados pelas relações dos corpos com certos espaços e tempos localizados agem sobre uma base informacional extremamente complexa. Este desenvolvimento teórico não é tão avançado frente ao que Homi K. Bhabha (2013) preconizou: para o autor, as identidades são espacialmente fendidas e

temporalmente adiadas. Isso significa dizer que nossa composição identitária é um mosaico de espaços colados e de tempos fragmentados que formam uma quimera incoerente (Silva; Costa, 2022b): uma criatura cujas pausas e interrupções que carrega são coladas como um *continuum* falacioso, gerando uma espécie de pastiche irônico da realidade intangível. Chamamos cada fragmento desta colagem, de tempo e espaço localizado, de espaço-tempo. É elucidador o argumento de Ashis Nandy (2015), para quem a Inglaterra Vitoriana tem mais chances de ser contemplada hodiernamente na Índia do que no Reino Unido.

Somos tentados a utilizar a metáfora da experiência vista como liquidez¹⁰ devido à sua capacidade permanente de escoar entre tempos e espaços e se misturar em compostos diversos nos quais temporalidades e espacialidades ausentes conseguem marcar presença, permitindo que os corpos afetados performem, afetem outros corpos e incidam sobre a materialidade, deixando impressões expressas de expressões impressas (Olsson, 1983). O desenvolvimento até aqui posto dá abertura para o próximo tópico, que vai abordar detidamente como elementos presentes e ausentes atuam como componentes da fluidez dos espaços-tempos.

PRESENÇA E AUSÊNCIA

Como foi explicitado no tópico anterior, defendemos o argumento de que os espaços-tempos que compõem a experiência são fluídos por aglutinarem fatias de espacialidade e temporalidade e por serem carregados pelos corpos que são portadores de sua apreensão. Estes corpos, sejam humanos ou não-humanos, projetam-se no arranjo relacional do mundo vivido, submetendo os outros corpos a experimentarem - de forma indireta - espaços e tempos aprioristicamente jamais imaginados. Quando falamos da experiência, é claro que em arranjos relacionais heterogêneos teremos formas muito distintas de armazená-las;

¹⁰ Temos a consciência que a metáfora torna vivos os desenvolvimentos de Zygmunt Bauman (2001, [2000]), não somente em *Modernidade Líquida*, mas em diversas outras abordagens em série que ajudam a consolidar e fundar o seu corpo de pensamento. Não temos a preocupação com a originalidade metafórica e encontramos pontos de convergência entre os fenômenos que Bauman tratou e os que aqui tratamos.

objetos inanimados, por exemplo, participam das *assemblages* e acabam trazendo registros de marcas espaço-temporais situadas a partir do impacto em sua constituição. De outro modo, animais-outros-que-humanos terão responsabilidades muito distintas frente à experiência e também são capazes de trazerem marcas de espaços-tempos: em um exemplo pueril, um animal rastejante pode mostrar por meio de cicatrizes em sua epiderme de contato com o solo os efeitos do trânsito em superfícies irregulares.

A ideia da paisagem vista como um palimpsesto portador de rugosidades (Santos, 2012 [1996]) ou de *reverse salients* (Hughes, 1983) mostra não somente o mosaico temporal registrado no substrato físico, mas também o impacto de forças oriundas de espacialidades distintas. Esse dinamismo é abordado primorosamente por Tim Ingold (2007), para quem todo sólido é um *frame* captado em meio a um processo degenerativo ou incorporador. Os tempos e espaços distintos se embaralham nos arranjos relacionais heterogêneos, contribuindo para a formação de uma camada-pastiche da materialidade e, também, para a construção de experiências tão fragmentadas quanto à espacialidade apreendida: eis o pastiche espaço-temporal incidindo sobre a mente e matéria (Silva; Costa; Silva, 2022).

Ipso facto, devemos considerar que elementos ausentes impactam em cenários em que se desenvolvem as relações: podemos falar da presença da ausência (Silva; Costa, 2022c), remetendo-nos ao papel afetivo e performático de outras espaço-temporalidades sobre uma dada área que abriga relações heterogêneas. Este é o ponto de partida para ressaltarmos a importância da espectralidade não somente para a compreensão das relações, mas, de forma mais ampla, como *conditio sine qua non* da interpretação geográfica.

ESPECTRALIDADE

O afeto e a *performance* dos atores-em-relação não somente se expressam por meio da irrupção de sentidos de múltiplas *assemblages* que, concomitantemente, tais atores participam. Para além desta simultaneidade múltipla e complexa que indica o afeto in actu, há de se considerar os resíduos afetivos deixados pelas relações estabelecidas em tempos idos e - ao mesmo

tempo - cogitar a influência das expectativas do porvir¹¹. Por isso, fala-se de geografias espectrais: nome inspirado nos desenvolvimentos de Jacques Derrida (1994 [1993]) que batiza um *modus operandi* geográfico caracterizado pela reflexão permanente acerca do impacto de múltiplas temporalidades sobre um preciso recorte temporal (Silva; Costa, 2024). Assim, uma investigação de geografia espectral se constitui por meio do estudo de um pretérito temporalmente sitiado no qual a interpretação afetivo-performática dos atores-em-rede se dá - de forma complementar aos fundamentos mais-que-representacionais regulares (McCormack, 2010) - por intermédio da compreensão das expectativas daquele ponto no tempo e não pela história como de fato se desenvolveu. Este deslocamento temporal do analista não é uma tarefa simples: expectativa e porvir relativo são portas adjacentes e por vezes muito semelhantes a quem analisa o passado. Por essa razão, estudos espectrais hodiernos são menos complexos, afinal, as distorções entre porvir relativo - que é o tempo futuro do próprio analista e dos atores analisados - e as expectativas captadas na temporalidade analisada estão ausentes.

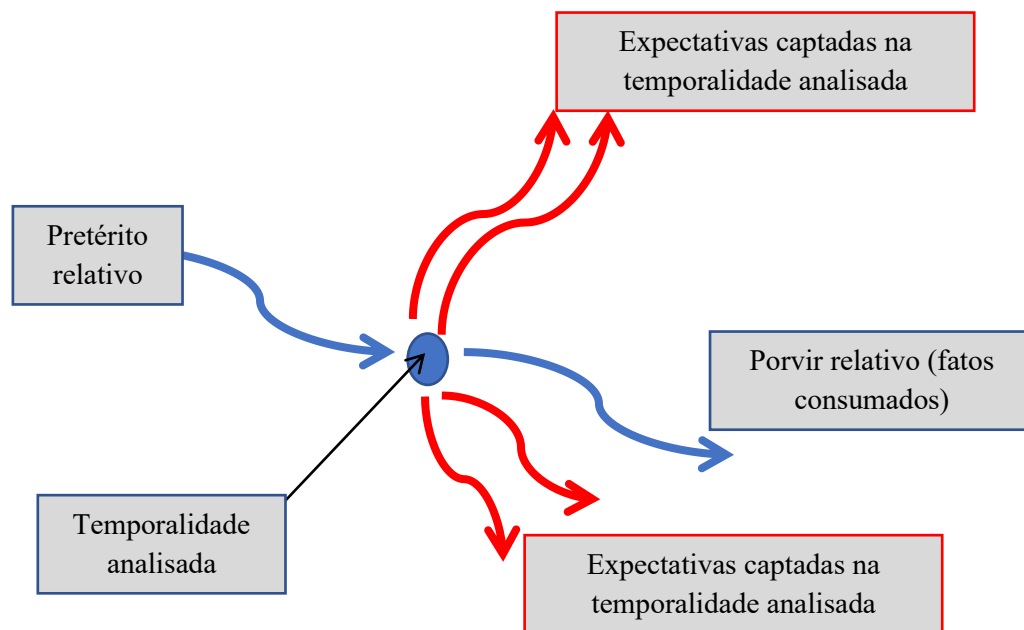
É importante notar que a espectralidade é uma condição da análise geográfica, ou pelo menos deveria ser. O nosso processo decisório sempre possui a interferência de outras temporalidades que se fundem em um momento do *continuum* espaço-temporal, por não se apresentar como um ponto de referência estável é consagrado como “um evento espectral, dificilmente fixado ou isolado em um momento delimitado” (McCormack; Schwanen, 2011, p. 2801).

A Figura 1 busca representar um modelo analítico espectral: as linhas vermelhas representam projeções dos atores-em-rede acerca do porvir. Tais projeções possui capacidade afetivo-performática e incidem sobre a tradução das *assemblages* historicamente situadas. Os fatos consumados - que se apresentam como uma linha histórica divergente - afetam o analista: em um trabalho historicamente localizado, a linha dos fatos consumados pode ser, na perspectiva

¹¹ Kevin Degen e Monica Hetherington (2001), indetificados com as abordagens espectrais, destacam que o passado nos afeta inclusive pela materialidade erguida, como por intermédio da arquitetura. Ressaltam que até o futuro nos afeta, à medida que tendências arquitetônicas podem ser percebidas e anúncios sobre o porvir podem povoar a dimensão simbólica.

do analista - o que irá depender da escala temporal em que se trabalha¹² -, um pretérito já conhecido. É dever do analista espectral a busca pela neutralização afetiva dos fatos consumados que incidem sobre a análise, para que as múltiplas expectativas que se desenvolveram anteriormente sejam avaliadas simetricamente, ou seja, na dimensão do que verdadeiramente são (expectativas). Afinal, já é um dever robusto cogitar hierarquizar as expectativas temporalmente localizadas sob o prisma da probabilidade de ocorrência. Além disso, é de se perguntar a relevância desta hierquização, visto que o afeto gerado pelas expectativas já é capaz de induzir *performances* e afetos noutros corpos. Talvez, o que seria relevante nesta seara, é a capacidade de mensurar a força da crença na expectativa, o que poderia ser um fator de relativização dos ciclos afetivo-performáticos fortemente associados às bases espectrais.

Figura 1 - Interpretando relações mais-que-representacionais espectralmente



Fonte: Elaboração do autor

¹² Escalas temporais envolvendo o fato estudado e a temporalidade do analista são muito variáveis. As expectativas dos atores-em-rede em certa temporalidade podem ser também expectativas do analista; em outra situação, as expectativas dos atores estudadas podem conviver com a linha dos fatos consumados, pois o analista já pode ter vivenciado os desdobramentos aos quais, no período estudado, não eram conhecidos.

A fluidez espectral se manifesta por intermédio da capacidade das múltiplas temporalidades que incidem sobre os corpos de serem capazes de produzir espaços e tempos relativos (Maddern; Adey, 2008) em uma mesma cena na qual atores estão em conexão. Ausências e presenças de elementos afetivos se embaralham e produzem um tecido quimérico; no contexto de nossa reflexão, pensamos que a quimera é uma figura de linguagem que talvez seja mais efetiva do que as rugosidades, termo cunhado por Milton Santos para se referir aos efeitos da diacronia na paisagem. Lembremo-nos dos termos de Santos:

Chamemos de rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares [...]

[...] Ainda que sem tradução imediata, as rugosidades nos trazem os restos de divisões do trabalho já passadas (todas as escalas da divisão do trabalho), os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho (Santos, 2012 [1996], p. 140).

O termo rugosidade é deficiente quando pensado em alusão à espectralidade por transmitir a ideia de contenção (pontual ou periódica) de temporalidades pretéritas expostas pelas contingências da transformação paisagística. Cada rugosidade expressa, como elemento ou arranjo da paisagem, um tempo ido que opera no conjunto de espaços-tempos distintos. A paisagem é marcada impetuosamente pelas diferentes temporalidades e, pensando neste contexto, as rugosidades são orgânicas: constituem-se como enclaves de tempos idos e expressam melhor a contenção do que a fluidez que é o apanágio da espectralidade. Assim, as temporalidades seriam expostas em suas vísceras pelas rugosidades do tecido paisagístico hodierno. Estes enclaves - as rugosidades - atuam em concerto como lentes múltiplas que revelariam nuances de diferentes momentos do pretérito.

As rugosidades mostrariam, assim, uma diacronia interrompida pelas escarpas de sua geometria frente ao plano de uma temporalidade-base, que seria àquela de quem apreende o espaço em um tempo situado. Na lógica da rugosidade, o tempo-base da análise possui geometrias sortidas que brotam tridimensionalmente a partir do seu plano e revelariam a essência do tempo: mais

que isso, as geometrias bastante pronunciadas seriam capazes de desnudar uma abrupta transição frente ao tempo-base, o que provoca a irresistível sensação de estranhamento temporal. Há de se pensar que a existência de uma rugosidade pronunciada é explicada também pelo modo como se ajustaram as relações do conjunto da paisagem frente a ela: Por que tal elemento ou arranjo se conservou¹³? Assim, parece-nos mais assertivo considerar as rugosidades como um produto da passagem do tempo atomístico e não como um inerte espectador dos fluxos diacrônicos e do dinamismo paisagístico.

Acrescenta-se, ainda, que a extensão do lapso temporal que autoriza a denominação de rugosidade é arbitrária. Sob o escrutínio das diferenças do tempo é plausível afirmar que não existe um tempo-base que é o pano de fundo no qual brotam as rugosidades: à rigor, os descompassos temporais - sobretudo aqueles construídos em um menor intervalo de tempo - cobrem todo o tecido paisagístico fazendo com que a rugosidade deixe de ser uma exceção analítica e passe a ser considerada como a própria estrutura espacial, montada em mosaico a partir de peças do espaço-tempo sitiados. A exceção seriam as cosmogonias que apreendem a espacialidade a partir de um dado momento no tempo que nos ofereceu uma inapelável e brutal gênese instantânea de tudo o que conhecemos, não raramente orquestrada por uma deidade.

Diferentemente das rugosidades, a espectralidade dá ênfase permanente na colisão de temporalidades e não somente a uma dicotomia entre um enclave de um tempo pretérito frente à atualidade. A passagem inexorável do tempo atomístico é capaz de (re)criar e dinamizar recortes espaciais perpetuamente. Acrescenta-se que a espectralidade inclui algo que a noção de rugosidade talvez não seja capaz de oferecer: os efeitos das temporalidades futuras sobre a *performance* que incide espacialmente. Concluimos que a noção de rugosidade denota contenção suficiente para ser incapaz de aludir à fluidez dos espaços-tempos. São justamente as relações mais-que-humanas que se embaralham e promovem a colisão perpétua entre espaços/tempos, presenças/ausências e

¹³ As ruínas são muitas vezes o foco da pesquisa de investigadores que buscam compreender sentidos de inadequação e modificações do arranjo de relações durante a passagem do tempo atomístico. Ver Desilvey (2006), Busbridge (2014), Silveira (2020) e Pohl (2020).

mente/matéria. Todavia, existem desenvolvimentos filosóficos relativamente recentes que consideram que as relações não esgotam as possibilidades do acontecer. Esta é a razão para que no próximo tópico falemos de realismo especulativo e quiçá consideremos o campo de uma geografia especulativa.

ESPECULAÇÃO

A chamada virada relacional - movimento que trouxe as relações para o centro das abordagens nas ciências humanas - ajudou a consolidar a ideia de que as relações que envolvem humanos e não-humanos são capazes de criar significados e permitir a irrupção e modelamentos de intersubjetividades que guiam a apreensão do mundo vivido. Este ponto tem sido questionado pelas contribuições do realismo especulativo, visto que esta corrente filosófica rejeita a dominância da “era do correlato” (Bensusan, 2018) - expressão que alude a um período de dominância das abordagens relacionais. O correlacionismo - doutrina científica que busca esgotar as possibilidades dos objetos pesquisados por meio das interações - é um termo muito utilizado por Quentin Meillassoux (2008), filósofo que se opõe enfaticamente às tentativas de esgotar as leituras do mundo a partir das relações (Harman, 2012).

O realismo especulativo - de baixíssima penetração nos estudos geográficos (Ash; Gordon, 2023) - traz preocupações muito relevantes quanto à ordem correlacional. É sabido que em uma pesquisa relacional, os encontros mais-que-humanos potencializam corpos a performarem por meio do afeto. Apesar desta premissa ser bem consolidada, destaca-se uma questão que já afligia a teoria sociológica ator-rede: as relações são múltiplas e complexas, portanto, nem sempre são inteligíveis e descritíveis. Tendo isso em mente, como arbitrar quais relações são mais relevantes para a pesquisa e, portanto, passíveis de serem investigadas e quais poderiam ser obliteradas pela nossa prática discricionária? Seria confortável para o pesquisador e um vício para a pesquisa a obliteração das relações mais difíceis de serem levantadas, que não são necessariamente as mais irrelevantes. A orientação dada pela bibliografia de pesquisas relacionais é a de elencar as relações mais relevantes [*first-order approximations*] (Ruming, 2009) observáveis por meio da tarefa de seguir os atores (Latour, 1993). Todavia, esta

escolha é tão arbitrária quanto a definição de um critério de delimitação regional ou, em outro exemplo, da panglossiana tarefa de atribuir limites temporais a uma periodização.

Assim, certas relações esquecidas pela pesquisa são identificáveis como existentes e ignoradas como relevantes para o conjunto do quadro relacional. Em conserto, é de se suspeitar que a coleção de relações obliterada tenha algum valor explicativo para o ciclo performático-afetivo e, portanto, para a apreensão do mundo. Destacamos que pensar na extrapolação do correlacionismo significa ir além das questões associadas aos dados obliterados; para além disso, significa a consideração de que o imponderável possa atuar desestabilizando o arranjo relacional e impactando na organização do mundo. A espectralidade - abordada no tópico anterior - tem difícil captação por parte do observador/tradutor das relações; expectativas futuras não são facilmente traduzidas e somente podem ser percebidas por intermédio de métodos específicos de investigação, como a aplicação de questionários semiestruturados que permita atender ao *métier* fenomenológico.

Ademais, destacamos a suposição de existências intangíveis. Isto significa que a afetividade também é impactada por elementos ou variáveis que não podem ser conhecidas. Questionários semiestruturados podem ser incapazes de coletar o afeto inconsciente, mas que está presente - ainda que parcialmente - no ato performático. Por isso é relevante falar não somente de segredos da paisagem (Silva, 2020b), mas de agentes misteriosos que incidem sobre toda e qualquer espacialidade e historicidade. Conclui-se que em uma pesquisa relacional, o quadro analítico não pode ser baseado na ideia de uma simultaneidade na qual todas as conexões já tenham sido estabelecidas. Dorren Massey (2008 [2005]) destaca que, no espaço, sempre existem relações a serem efetivadas e, ainda, que existem elos potenciais que podem jamais serem estabelecidos. Por isso, a autora salienta que o espaço é o palco de resultados imprevisíveis e histórias em curso.

Existem as vozes críticas ao realismo especulativo: Rodrigo Nunes (2018), por exemplo, argumenta que o correlacionismo não apresenta a fixidez e concretude desenhadas pela narrativa de Meillassoux. Deste modo, o autor de *Após a Finitude* - texto seminal da corrente filosófica em questão - teria

concedido ao correlacionismo votos de solidez e inexpugnabilidade aos quais nunca teve. Esta discussão nos conduz a pensar que as abordagens relacionais já lidam com a possibilidade de não serem capazes de esgotar o conjunto das relações existentes (ou mesmo de elos potenciais de relações). Se as abordagens relacionais não consideram a existência de uma sombra que comporta relações obliteradas, deveriam considerar.

Fugindo de um juízo de valor no imbróglio entre Nunes (2018) e Meillassoux - e de base do pensamento do realismo especulativo - acreditamos que mais importante do que julgar quem está com a razão é reconhecer a existência dos segredos relacionais. Assim, precisamos nos livrar da pretensão do esgotamento relacional. A intangibilidade das relações, escondidas deliberadamente ou não pelo leitor dos arranjos relacionais heterogêneos, nos apresenta mais uma faceta fluída do arranjo da experiência espaço-temporal: os segredos relacionais impedem qualquer pretensão de contenção e reificação e nos convida a ler o mundo a partir da inquietude, do imaginário, do incontido e não somente daquilo que acontece - mote mais-que-representacional - mas daquilo que também pode acontecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa experiência não é montada simplesmente a partir da soma de localizações precisas do tempo e do espaço. Na teia das relações mais-que-humanas na qual estamos envolvidos interagimos com tempos e espaços que sequer conhecemos e que indiretamente nos são apresentados por outros corpos que testemunharam eventos, elementos, historicidades e espacialidades que, por sua vez, somente estão presentes em cena de forma espectral. Os seres humanos estão sempre enredados na dimensão simbólica - que inclui a linguagem - e que passa a compor nossa fisiologia (Berque, 2016). Somos corpos afetados e que performam à luz das camadas acumuladas de espaços e tempos que constituem nossa experiência. No processo de aglutinação de experiências, cada instante possui espacialidade e, em recíproca, cada recorte do espaço possui temporalidade. Nesse sentido, o termo espaços-tempos vem bem a calhar como

uma proposta de parcelamentos cirúrgicos do espaço geográfico e do tempo atomístico que compõem nossa experiência.

Destacamos que toda experiência é composta de recortes de espaços-tempos e não é simples diferenciar o que é a experiência direta do espaço e tempo vivido do que é a experiência indireta trazida pelos corpos que compõem a cena. Acreditamos que a trama envolvendo ausências e presenças temporais e espaciais não deva ser vista como uma coleção de partes dicotômicas de um concerto, mas como uma indissociabilidade retroalimentada tal como a tração berquieniana. Espaços e tempos em colisão em uma cena não se constituem como uma oportunidade de vislumbre de um ato excepcional; é na verdade a essência que desnuda o caráter da experiência.

As contribuições do realismo especulativo oferecem uma crítica importante às abordagens relacionais e abrem a oportunidade para que pensemos acerca das intangibilidades que repousam na dimensão não-relacional. Considerando a afetividade da dimensão inconsciente (Barnett, 2008) é de se supor que a apreensão do mundo possui elementos que não podemos por ora conhecer, mas somente especular. Concordamos com Nunes (2018) ao vermos que muitas das abordagens relacionais - incluindo àquelas que têm sido produzidas por geógrafos - já são conduzidas a partir da percepção de que as relações levantadas em uma pesquisa não esgotam a realidade. Por isso mesmo, a linguagem cuidadosa que flerta com o probabilismo não somente é recomendável como também é um indicador relevante que ilustra o caráter fluído da experiência - caldeirão das espacialidades e temporalidades em colisão. Os termos deste artigo nos permitem afirmar que a fluidez da experiência é a própria fluidez dos espaços-tempos.

REFERÊNCIAS

AGNEW, J. Regions on the mind does not equal regions of the mind. **Progress in Human Geography**, v. 23, i.1, p. 91-96, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1191/030913299677849788>

ANDERSON, B. Affect. (In): **The International Encyclopedia of Geography: people, the Earth, Environmental and Geography**, John Wiley & Sons, p. 1-3, 2017.

ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

ASH, J.; GORDON, R. Geographies of the event? Rethinking time and power through digital interfaces. **Cultural Geographies**, v. 30, i.1, p. 3-18, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1177/14744740221086262>

BARNETT, C. Political affects in public space: normative blind-spots in now-representational ontologies. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 33, n. 2, p. 186-200, April, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1475-5661.2008.00298.x>

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENSUSAN, H. O realismo especulativo e a metafísica dos outros. **Eco-pós**, v. 21, n. 2, p. 94-110, 2018. DOI: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v21i2.17764>

BERQUE, A. Paysage-empreinte, paysage-matrice: Éléments de problématique por une géographie culturelle. **L'espace géographique**, v. 13, n. 1, p. 33-34, 1984. DOI: <https://doi.org/10.3406/SPGEO.1984.3890>

BERQUE, A. Géogrammes, pour une ontologie des faits géographiques. **L'espace géographique**, v. 28, n. 4, p. 320-326, 1999. DOI: <https://www.jstor.org/stable/44382628>

BERQUE, A. Offspring of Watsuji's theory of milieu (Fûdo). **GeoJournal**, v. 60, p. 389-396, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1023/B:GEJO.0000042975.55513.f1>

BERQUE, A. Perception de l'espace, ou milieu perceptif? **L'espace géographique**, v. 45, n. 2, p. 168-181, 2016.

BERQUE, A. A cosmofoania das realidades geográficas. **Geograficidade**, v. 7, n. 2, p. 4-16, 2017. DOI: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2017.72.a12977>

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BILLIG, M. **Banal Nationalism**. London: Sage Publications, 1995.

BONNEMAISON, J. **Culture and Space: Conceiving a New Cultural Geography**. London and New York: I. B. Tauris & Co. Ltd., 2005.

BUSBRIDGE, R. On haunted geography: writing nation and contesting claims in the ghost village of Lifta. **Interventions - International Journal of Postcolonial Studies**, v. 17, n. 4, p. 469-487, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/1369801X.2014.937735>

CORRÊA, R. L. Denis Cosgrove - a paisagem e as imagens. **Espaço e Cultura**, UERJ, n. 29, p. 7-21, Jan. /Jun., 2011.

- COSGROVE, D. Towards a radical cultural geography: problems of theory. **Antipode**, Vol. 5, Issue I, p. 1-11, 1983. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-8330.1983.tb00318.x>
- CRESSWELL, T. Towards Topopoetics: Space, Place and the Poem. (in): JANZ B. (eds). **Place, Space and Hermeneutics. Contributions to Hermeneutics**. Springer, v. 5, p. 319-331, 2017. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-319-52214-2_23
- DEGEN, M.; HETHERINGTON, K. **Spatial Hauntings**. *Space and Culture*, i.11-12, p. 1-6, 2001.
- DERRIDA, J. **Specters of Marx**. New York e Abingdon: Routledge, 1994.
- DESILVEY, C. Observed decay: Telling histories with mutable things. **Journal of Material Culture**, v. 11, i.3, p. 318-338, 2006.
DOI: <https://doi.org/10.1177/1359183506068808>
- GILROY, P. Race ends here. Abingdon, Oxford: **Ethnic and Racial Studies**, vol.XXXI, nº5, pp. 838-847, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1080/014198798329676>
- GRAHAM, B. J. No place of the mind: contested protestant representations of Ulster. **Ecumene**, v. 1, n. 3, p. 257-281, 1994. DOI: <https://doi.org/10.1177/1474474094001003>
- HARMAN, G. The Well-Wrought Broken Hammer: Object-Oriented Literary Criticism. **New Literary History**, v. 43, n. 2, Spring, p. 183-203, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1353/nlh.2012.0016>
- HUGHES, T. P. **Networks of power: electrification in Western Society, 1880-1930**. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1983.
- INGOLD, T. Materials against materiality. **Archaeological Dialogues**, v. 14, i.1, p. 1-16, April, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1017/S1380203807002127>
- KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- LATOUR, B. **We have never been modern**. London: Harvester Wheatsheaf, 1993.
- LONG, J. C. Rooting diaspora, reviving nation: Zionist landscapes of Palestine-Israel. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 34, i.1, p. 61-77, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1475-5661.2008.00327.x>

ORIMER, H. Cultural geography: the busyness of being “more-than-representational”. **Progress in Human Geography**, v. 29, i.1, p. 83-94, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1191/0309132505ph531pr>

LORIMER, J. Non-human charisma. **Environmental and Planning D: Society and Space**, v. 25, i.5, p. 911-932, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1068/d71j>

MADDERN, J. F.; ADEY, P. Editorial: spectro-geographies. **Cultural Geographies**, v. 15, p. 291-295, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1177/1474474008091328>

MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MCCORMACK, D. P. Fieldworking with Atmospheric Bodies. **Performance Research**, v. 15, i.4, p. 40-48, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1080/13528165.2010.539878>

MCCORMACK, D. P; SCHWANEN, T. Guest editorial: The space-times of decision making. **Environment and Planning A**, v. 43, i.12, p. 2801-2818, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1068/a4435>

MCFARLANE, C. Translocal assemblages: Space, power and social movements. **Geoforum**, v. 40, i.4, p. 561-567, July, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2009.05.003>

MEILLASSOUX, Q. **After Finitude: An Essay on the Necessity of Contingency**. London and New York: Continuum, 2008.

MITCHELL, D. There's No Such Thing as Culture: Towards a Reconceptualization of the Idea of Culture in Geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, new series, v. 20, n. 1, p. 102-116, 1995. DOI: <https://doi.org/10.2307/622727>

NANDY, A. A mente não colonizada. In: CASTRO, L. R. (Org.). **A imaginação emancipatória: desafios do século 21**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

NUNES, R. O que são ontologias pós-críticas? **Eco-Pós**, v. 21, n. 2, p. 111-142, 2018. DOI: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v21i2.20492>

OLIVEIRA, L. de. Portal da Terra: O Espaço e o Lugar. **Geograficidade**, v. 10, número especial, p. 5-10, Outono, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2020.100.a44286>

OLSSON, P. G. Expressed Impressions of Impressed Expressions. **Geographical Analysis**, vol. 5, n. 1, p. 60-64, 1983. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1538-4632.1983.tb00765.x>

PAIVA, D. Teorias não-representacionais na geografia I: conceitos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, v. LII, n. 106, p. 159-168, 2017. DOI: <https://doi.org/10.18055/Finis10196>

PAIVA, D. Teorias não-representacionais na geografia II: métodos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, v. LIII, n. 107, p. 159-168, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18055/Finis10197>

PHILLIPS, J. Agencement/assemblage. **Theory, Culture and Society**, v. 23, i.2-3, p. 108-109, May, 2006.

PILE, S. Emotions and affect in recent human geography. **Transactions of the Institute of British Geographers, New Series**, v. 35, n. 1, p. 5-20, January, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1475-5661.2009.00368.x>

PILE, S. For a geographic understanding of affect and emotions. **Transactions of the Institute of British Geographers, New Series**, v. 36, n. 4, p. 603-606, October, 2011. <https://www.jstor.org/stable/23020834>

POHL, L. Object-disoriented geographies: the Ghost Tower of Bangkok and the topology of anxiety. **Cultural Geographies**, v. 27, n. 1, p. 71-84, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/1474474019864984>

RUMING, K. Following the actors: mobilising an actor-network theory methodology in geography. **Australian Geographer**, v. 40, n. 4, p. 451-469, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1080/00049180903312653>

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Edusp, 2012.

SEEMANN, J.; SILVA, L. L. S.; COSTA, A. Repensando o conceito de nação: uma visão geográfica a partir das teorias não-representacionais. **Revista Espaço Aberto**, v. 14, n. 1, p. 5-27, 2024. DOI: <https://doi.org/10.36403/espacoaberto.2024.57168>

SILVA, L. L. S. A supressão da geografia no exercício da alteridade. Fortaleza: **Geosaberes**, v. 9, n. 17, p. 1-13, 2018a. DOI: <https://doi.org/10.26895/geosaberes.v9i17.620>

SILVA, L. L. S. As duas faces da supressão da experiência histórica. Fortaleza: **Revista de História Bilros**, v. 6, n. 11, p. 36-55, 2018b.

SILVA, L. L. S. A geografia entre a materialidade e a imaterialidade. **Geotemas**, v. 10, n. 2, p. 25-47, 2020a.

SILVA, L. L. S. Segredos da Paisagem. **Revista da Casa de Geografia de Sobral**, v. 22, n. 2, p. 133-151, 2020b. DOI: <https://doi.org/10.35701/rcgs.v22n2.665>

SILVA, L. L. S. Uma geografia do que acontece. **Revista Geográfica Acadêmica**, v. 16, n. 2, p. 72-85, 2022.

SILVA, L. L. S. **A excepcionalidade da paisagem e do lugar: a transcendência da (i)materialidade por meio da mediação de subjetividades**. Belo Horizonte e Montes Claros: Letramento e Editora IFNMG, 2023a.

SILVA, L. L. S. Elucidando as Teorias não-representacionais. **Geotemas**, v. 13, n. 1, p. e02301, 2023b. DOI: <https://doi.org/10.33237/2236-255X.2023.4389>

SILVA, L. L. S. **Espaços-Tempos: uma geografia dos fragmentos da experiência**. Belo Horizonte e Montes Claros: Letramento e Editora IFNMG, 2024a.

SILVA, L. L. S. Sobre o uso das *assemblages* nas abordagens relacionais geográficas. **Geographia Meridionalis**, v. 7, e0240003, p. 1-20, 2024b. DOI: <https://doi.org/10.15210/gm.v7i.26683>

SILVA, L. L. S.; COSTA, A. Cultura como comunidade imaginada: uma crítica à abordagem ontológica da cultura nos estudos geográficos. **Geografias**, v. 16, n. 1, p. 27-41, 2018. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-549X.2018.19236>

SILVA, L. L. S.; COSTA, A. Questionando as delimitações cartográficas da cultura. **Caminhos de Geografia**, v. 21, n. 73, p. 445-457, 2020a. DOI: <https://doi.org/10.14393/RCG217349523>

SILVA, L. L. S.; COSTA, A. O desconforto das regiões e das classes. **Geosp: Espaço e Tempo**, v. 24, n. 3, p. 533-546, Dezembro, 2020b. DOI: <https://orcid.org/0000-0002-1735-6711>

SILVA, L. L. S.; COSTA, A. Reflexões sobre a geografia do afeto: a excepcionalidade identitária em meio às distorções do espaço-tempo. **Revista do Departamento de Geografia da USP**, v42, e190818, 2022a. DOI: <https://doi.org/10.11606/eISSN.2236-2878.rdg.2022.190818>

SILVA, L. L. S.; COSTA, A. As identidades como uma quimera de lugares. **Revista da Anpege**, v. 17, n. 34, p. 50-54, 2022b. DOI: <https://doi.org/10.5418/ra2021.v17i34.12063>

SILVA, L. L. S.; COSTA, A. A presença da ausência: um paradoxo geográfico. **Geosp: Espaço e Tempo**, v. 26, n. 2, p. 1-21, e-195614, 2022c. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2022.195614>

SILVA, L. L. S.; COSTA, A. Geografias mortas, vivas e espectrais: formas de apreender o espaço. **Caminhos de Geografia**, v. 25, n. 97, p. 213-230, 2024. DOI: <https://doi.org/10.14393/RCG259769096>

SILVA, L. L. S.; COSTA, A.; SILVA, L. S. R. Geografia-Pastiche. **Geografia, Ensino e Pesquisa**, v. 26, e.12, p. 1-25, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5902/2236499466324>

SILVEIRA, H. M. da. Outras ruínas e seus assombros. **Geograficidade**, v. 10, n. 1, p. 45-57, Verão, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2020.101.a28128>

SOUZA JÚNIOR, C. R. B.; SILVA, L. L. S. Por que fazer geografias mais-que-representacionais? In: SOUZA JÚNIOR, C. R. B.; SILVA, L. L. S. **Irrupções Geográficas**: afetos, lugares e paisagens para além das representações. Vitória: Editora Rasuras, 2024.

THRIFT, N. Afterwords. **Environmental and Planning D: Society and Space**, v. 18, i.2, p. 213-255, April, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1068/d214t>

THRIFT, N. Intensities of feeling: towards a spatial politics of affect. **Geografiska Annaler**, v. 86, i.1, p. 57-78, March, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.0435-3684.2004.00154.x>

WOLF, E. R. Inventing society. **American Ethnologist**, v. 15, n. 4, p. 752-761, November, 1988. <https://www.jstor.org/stable/645518>

Como citar este artigo:

SILVA, Leonardo Luiz Silveira. A fluidez dos espaços-tempos. **GEOGRAFIA**, Rio Claro-SP, v. 50, n. 1, p. 309-331, 2025. DOI:

Recebido em 18 de novembro de 2024
Aceito em 10 de junho de 2025